

A INFLUÊNCIA DO FILME O REI LEÃO NA COMPREENSÃO DA MORTE PELAS CRIANÇAS

Carla Gomes Machado¹
Andréa Aparecida Fernandes²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo compreender a influência dos desenhos animados no significado da morte para as crianças. Trata-se de uma produção de cunho bibliográfico, e realizou-se também uma análise da obra cinematográfica “O Rei Leão”. No decorrer do trabalho, foram discutidos o significado da morte na infância segundo o desenvolvimento cognitivo das crianças, as informações que lhes são oferecidas e a influência dos desenhos animados para o entendimento da morte. Foi possível constatar a dificuldade dos adultos em falar sobre a morte, sendo ainda considerado um assunto que causa desconforto e tratado como tabu pela sociedade. Na análise do filme, a maneira pela qual o jovem Simba vivencia a morte do pai foi semelhante aos sentimentos vivenciados pelas crianças diante da morte de um ente querido. Com isso, percebe-se a necessidade da abordagem do assunto de forma clara e objetiva, visando a auxiliar a criança na aquisição do conceito da morte, e que os desenhos, muitas vezes, reproduzem as mesmas dificuldades no tratamento do tema, mas poderiam ser utilizados como ferramentas para auxiliar nessa compreensão.

Palavras-chave: Infância. Morte. Luto. Desenho Animado. Família.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta uma revisão de literatura, com o objetivo de verificar a influência dos desenhos animados na compreensão da morte e do luto na infância. Para tal, foi analisada, de forma sistemática, a produção do filme “O Rei Leão”, sendo assim, o artigo foi norteado pelas seguintes questões: como o desenho animado interfere no contexto infantil? Seriam eles uma possível influência para a

¹ Graduanda em **Psicologia**, UNIFUCAMP. ✉ carlamachado@unifucamp.edu.br

² Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia – UFU. ✉ andreafernandes@unifucamp.edu.br

compreensão de fatores como a morte e o luto? Essa compreensão foi pensada e apresentada, considerando o desenvolvimento psíquico da criança.

O intuito do artigo é mostrar que as histórias e desenhos animados possuem simbolicamente diversos contextos com finalidades diferentes, por essa razão, é de grande relevância que as histórias sejam contadas e filmes sejam vistos, para que, assim, os desenhos e contos proporcionem e incentivem as crianças na imaginação, elaboração de conflitos, sentimentos, emoções e novas experiências vivenciadas.

Diante disso, o filme de desenho animado “O Rei Leão” narra a história de um jovem leão que perde seu pai na infância; carregado pela culpa, decide fugir para uma terra distante com objetivo de esquecer os seus problemas, vivendo altas aventuras com seus amigos Timão e Pumba, até o momento em que descobre que precisa assumir o seu lugar por direito como o rei da selva e enfrentar os seus medos e traumas do passado.

A morte faz parte do desenvolvimento humano como uma condição natural na vida de todos os seres vivos esteja ela simultaneamente próxima ou distante. Apesar disso, é necessário compreender que cada cultura possui uma forma subjetiva de entender o processo da morte, e as religiões e a Filosofia sempre procuraram questionar e explicar a origem e o destino do homem. Por tradição cultural, familiar ou mesmo por investigação pessoal, cada um traz dentro de si “uma morte”, ou seja, a sua própria representação de morte. São-lhe atribuídas personificações, qualidades e formas (KOVÁCS, 2012).

Além disso, segundo Burlá, (2006), a morte é um evento biológico que ocorre quando a vida é encerrada. Desse modo, a morte não tem definição que possa ser tomada como exclusiva, deixando o tema sem uma resposta unânime. Fato é que o processo da morte e do morrer ocorre de maneira distinta para cada ser humano e está relacionado com suas condições sociais, históricas e culturais.

E, pensando nisso, lidar com a morte torna-se algo desafiador. Mesmo a morte sendo reconhecida como natural, universal e inevitável, o homem é incapaz de imaginar a sua própria morte (COSTA, 1999) e, em virtude disso o processo da morte e morrer é visto como Tabu, um assunto delicado, que a maioria das pessoas

procuram evitar falar sobre esse assunto. E por mais que se busquem ações para amenizar a dor desse momento, ela continua assustadora e consiste em um dos principais medos do ser humano. E para lidar com essa dor, a sociedade então construiu uma fantasia de onipotência sobre a morte, permitindo que as pessoas criassem no imaginário a ideia de que se pode evitá-la, ou, pelo menos, adiá-la, com o auxílio de diagnósticos e terapias especializadas (SHIMIZU, 2007).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desenho animado e a influência na infância

A animação, com o passar dos anos, ganhou por transformações e aperfeiçoamentos, para captar, cada vez mais, o público infantil. É interessante notar que a humanidade vive em um ambiente cheio de simbolismo e, constantemente, as pessoas atuam por meio dele. De acordo com Lucena Júnior (2002), faltava vida nas animações, movimentos que realmente buscassem representar mais humanamente as situações. Dessa forma, buscava-se convencer o espectador da realidade ali apresentada, humanizar as ações, os personagens e a história, permitindo assim uma maior imersão e identificação com a história.

Os programas destinados às crianças, frequentemente trazem representações em que a fantasia e a realidade andam em conformidade. Os contos de fadas realizam as fantasias das crianças, que se identificam com algum personagem. E por meio desta identificação, podem ser influenciadas em diversos comportamentos, como o uso de roupas iguais e objetos que possuam as características dos personagens; dessa forma, constituem um ambiente favorável para a construção de sua identidade (MOURA; LEAL; PADILHA, 2012)

Diversas pesquisas indicam que as crianças passam boa parte de seu tempo assistindo à televisão e que o desenho animado, normalmente, é um dos seus programas preferidos (CHÁVEZ; VIRRUETA, 2009). A partir dos desenhos animados, muitas crianças exercem sua capacidade criativa e até passam a viver em um mundo imaginário, construindo muitas percepções sobre diferentes assuntos. Desse modo, Duarte, Leite e Migliora (2006) afirmam que, de certa forma, a influência que essa

categoria traz para as crianças, tanto para as meninas quanto para os meninos, é que possibilitará uma nova maneira de considerar as situações do cotidiano: conflitos entre irmãos, amigos, escola, pais, medo, entre outras situações durante a infância.

Cada desenho tem sua particularidade e pode influenciar em diversos aspectos, como Jempson (2002) nos traz, um mesmo desenho pode instigar uma criança tanto para o bem quanto para o mal, levando em consideração que muitos comportamentos das crianças, estão relacionados com a observação de sua realidade e também da mídia em geral.

Os desenhos animados exercem influência na construção da personalidade infantil, pois por meio deles, podem ser observados os pensamentos das crianças, sentimentos, memórias, racionalidades, imaginações e outras possibilidades do psiquismo. Santos (2017) traz que a televisão, quando trabalha com desenhos, proporciona à criança a possibilidade de elaborar seus medos e oferecer prazer e entusiasmo à sua necessidade de viver a magia e a ficção.

Em seus estudos, Oliveira (2006) aponta que os contos, quando apresentados aos jovens durante sua infância, além de promoverem o desenvolvimento da criança, também apresentam benefícios a longo prazo. Os contos e os desenhos desenvolvem o raciocínio infantil, favorecem o processo de elaboração da perda, contribuem para a resolução de conflitos, para o enfrentamento de obstáculos da vida e das dificuldades do cotidiano. Conforme Mariuzzo (2007), as histórias infantis são formadoras de identidades. São ícones para uma vida mental saudável, pois a imaginação de uma criança é diferente da noção de realidade de um adulto.

As crianças possuem dificuldades em lidar com conteúdos que causam dor e desconforto. Assim, os contos de fadas, por exemplo, também passam a ser reconhecidos por seu valor terapêutico, uma vez que um indivíduo é capaz de descobrir soluções emblemáticas por meio da reflexão que o conteúdo manifesto da história pode acrescentar à sua vida, relativo aos seus conflitos mais íntimos (BETTELHEIM, 2011). As histórias contadas permitem que as crianças se tornem criativas e possibilitam que seus conflitos conscientes e inconscientes sejam

externalizados e elaborados. Dessa forma, permitem uma ressignificação na vida da criança que sente angústia, mas não sabe nomeá-la.

2.2 O significado da morte para as crianças

As perdas e a morte fazem parte do desenvolvimento humano desde o nascimento até o fim da vida. A criança, logo nos meses iniciais de vida, passa pela experiência da ausência materna, uma vez que ela não pode estar presente o tempo todo. Essas primeiras ausências são vivenciadas pela criança como “mortes”, pois ela se sente sozinha e desamparada. São períodos breves de ausência, sempre seguidos pelo reaparecimento de alguém (KOVÁCS, 2012). Mas essas impressões iniciais ficam marcadas e apontam para a representação de “morte como ausência, perda, separação e a conseqüente vivência de aniquilação e desamparo” (KOVÁCS, 2012, p. 3).

O significado da morte para crianças é construído por meio do desenvolvimento da criança e das informações que lhe forem oferecidas e percebidas no meio em que estão inseridas e na forma pela qual interagem. Sendo assim, o pseudoconceito ainda não pode ser considerado um conceito, pois a criança, ao nomear uma palavra, como morte, terá como base o significado do termo empregado pelo adulto. Para Vygotsky (1998), o significado das palavras é estável, já o sentido se altera de acordo com o contexto em que surge. Em princípio, as palavras da criança e do adulto coincidem quanto a seus referentes, mas diferem quanto aos seus sentidos. Desse modo, podem gerar a ilusão de que a criança formou o conceito, histórico e cultural, contudo, ela está apenas iniciando o seu processo de desenvolvimento intelectual sobre o significado da morte.

Segundo Vendruscolo (2005), os termos morte e criança parecem contraditórios, pois a morte é, muitas vezes, visualizada como distante do universo infantil, o que torna a associação entre ambos os termos bastante desconfortante para aqueles que se encontram diante da necessidade de dialogar sobre a morte com crianças. Além disso, o termo “morte” levanta emoções e constitui-se a partir de muitos

significados, o que faz, frequentemente, com que o seu uso seja evitado na presença de uma criança (SENGIK; RAMOS, 2013). Assim, são contadas mentiras ou histórias fantasiosas e fabulosas para esconder uma realidade com a qual ela irá, um dia, deparar-se e investigar.

Frequentemente, a morte é tema abordado apenas no fim da vida, uma vez que, em geral, acredita-se que as crianças não estão preparadas emocionalmente para isso, que não conseguem lidar com um tema tão aterrorizante como esse (KOVÁCS, 2012; KÜBLER-ROSS, 1992). Contudo, ao longo de seu desenvolvimento, a criança acompanha as mortes reais que a rodeiam tentando entender o que acontece. Com isso, vai formando concepções sobre a morte (CHIATTONE, 2003).

Muitas vezes, é difícil compreender se a criança entende o conceito de morte, uma vez que sua forma de expressar é diferente do adulto; às vezes, não utiliza de palavras para externalizar os sentimentos associados à perda, mas exterioriza-os por meio das relações interpessoais, pelo brincar, pelo desenho, pela forma de tratar os brinquedos (MENDES, 2009). Mais comumente, o significado da morte para criança pode ser interpretado por meio de fantasias que possibilitam a interpretação do mundo externo e interno, que podem atuar, também, como defesas do psiquismo da criança por meio de realização de desejos. Pode haver a negação de fatos dolorosos e, muitas vezes, a criança, em suas fantasias, não apenas deseja um acontecimento como realmente acredita fazer com que ele aconteça (OLIVEIRA, 2007).

A concepção de morte é um desafio cognitivo universal, principalmente na infância, em que se vê o mundo como uma grande descoberta. De acordo com Bromberg (1998), o significado dado pela criança à morte varia conforme sua idade, com o vínculo estabelecido com a pessoa falecida, com o momento de seu desenvolvimento psicológico, além de como o adulto, com quem convive, lida com a perda.

Entre algumas concepções da morte para crianças, Torres (2002) apresenta três características: (1) irreversibilidade — a impossibilidade de o corpo morto retornar ao estado anterior; (2) não funcionalidade — entendimento de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte; (3) universalidade — tudo o que é vivo morre.

De acordo com Torres (2002), as manifestações somáticas, reações hostis em relação ao morto podem aparecer, por um sentimento de abandono (sobretudo se foi um dos progenitores que morreu), pela idealização que havia na relação, pela identificação com ele, e o pânico também pode ser uma resposta a essa perda decorrente da vivência do desamparo e culpa. Apesar da importância do significado da morte para as crianças, o sentimento é subjetivo e possui suas individualidades e particularidades. Além disso, o contexto ambiental no qual cada criança está inserida é variado, assim como o vínculo com a pessoa falecida.

Paiva (2011) fez um estudo sobre a aquisição do conceito de morte pelas crianças, de acordo com os estágios estabelecidos por Jean Piaget (1987) e aponta as seguintes diferenças para cada estágio:

1. Período Sensório-motor: Crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da linguagem). Nessa idade, a criança não sabe da existência do conceito de morte, a morte é entendida como a falta e compreendida como a experiência de dormir e acordar.

2. Período Pré-operacional: Crianças de 3 a 5 anos. A criança não entende a morte como uma ausência sem retorno, não consegue separar a vida da morte, entende a morte ligada a imobilidade. Nesse período, a criança tem pensamentos mágicos e egocêntricos, acredita que tudo é possível e compreende a linguagem de modo literal e concreto.

3. Período Operacional: Crianças de 6 a 9 anos. Nessa fase, a criança possui organização em relação ao tempo e espaço. Sabe separar os seres animados dos inanimados, compreende a diferença entre a vida e a morte e entende o processo da morte como definitivo e permanente. Nesse período, diminui o pensamento mágico e predomina o pensamento concreto. Contudo, não sabe ainda explicar o que causa a morte. Consegue apreender o conceito de morte em sua totalidade em relação à não funcionalidade, à irreversibilidade e à inevitabilidade da morte.

4. Período de Operações Formais: crianças de 10 anos até a adolescência. Entende o conceito de morte, apropriado ao pensamento formal, um conceito mais abstrato. Entende a morte como algo inevitável e universal, irreversível e pessoal.

2.3 Estágios do Luto Infantil

Segundo Seckauer (1987), processo de luto infantil não é uma versão deficitária do luto no adulto, mas tem as características da criança e das suas próprias capacidades. O luto na infância pode ser um processo pelo qual as crianças podem responder à privação e continuar um desenvolvimento relativamente normal. Dessa maneira, a criança precisa de informações para entender a morte e elaborar a perda. Além disso, uma outra vertente considera que, no luto, a criança relaciona-se com os processos criativos e com os fenômenos transacionais. Isso faz com que a criança reaja à perda de maneira não patológica, sem que possa ser considerada como uma simples versão deficitária do luto feito pelo adulto. Novamente, destaca-se que o luto constitui um processo cuja multidimensionalidade dificulta uma avaliação mais exata do seu significado, proporcionando o aparecimento de várias perspectivas e modelos explicativos do seu processamento.

Segundo Freud (1996) no luto, nada existe de inconsciente a respeito da perda, ou seja, o enlutado sabe exatamente o que perdeu. Além disso, o luto é um processo natural instalado para a elaboração da perda, que pode ser superada após algum tempo e, por mais que tenha um caráter patológico, não é considerada doença. Sendo assim, interferências tornam-se prejudiciais. É necessário entender que o luto então é um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano.

Adentrando, especificamente, o luto infantil, há diversas controvérsias de estudos sobre o enlutamento infantil ao longo dos anos, por exemplo:

[...] estudos de casos clínicos, postulam que o ego infantil seja fraco demais para elaborar e suportar a tensão do trabalho do luto, tendo em vista pacientes que tiveram reações patológicas resultantes de alguma perda sofrida na infância. Por outro lado, há estudos que refutam o argumento citado acima, anunciando que tendo-se informação honesta e apoio, as crianças, até as muito novas, podem passar pelo processo de enlutamento pela perda real de uma forma saudável tal qual um adulto o faria (BOWLBY, 2004, p. 21).

Machado (2006) afirma que a forma pela qual ela vive o luto e representa internamente a morte varia de acordo com a idade, com a personalidade, com o estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, com a intensidade com que ela vive e está próxima com essa crise e, também, com aspectos mais gerais como a cultura em que está inserida. Portanto, para entender a forma pela qual a criança atravessa emocionalmente a perda e o luto é essencial conhecer, antes de tudo, a maneira de compreender a morte ao logo do seu desenvolvimento cognitivo.

Para Bowlby (1990), o luto está associado a uma quebra de vínculo que é sentida como desamparo e aflição e pode desencadear ansiedade de separação e pânico. Para o autor, a forma de a criança viver o luto sofre influência, principalmente, de dois aspectos: padrões de relação familiar anteriores (de base) e reestruturação do sistema familiar em consequência da perda. Desse modo, a vivência da perda para criança pode ser influenciada positiva ou negativamente, pelo padrão de vínculos estabelecidos.

A criança vivencia suas primeiras experiências de perdas desde cedo e isso lhe permite criar uma noção sobre vários conceitos inclusive sobre a morte, por ser inevitável que ela passe por momentos que serão novos e de difícil elaboração. Os sentimentos vivenciados pelas crianças associados à morte, como tristeza, raiva, culpa, ansiedade e depressão são sentimentos naturais diante dos acontecimentos e que precisam ser elaborados, caso não sejam podem ser manifestados em formas de sintomas psicossomáticos ou desajuste de comportamento. Worden (1998) aponta para o fato de que as crianças entre cinco e sete anos são muito vulneráveis, pois atingiram um desenvolvimento cognitivo suficiente para compreender a morte, mas possuem pouca capacidade de lidar com ela.

Segundo Paiva (2011) vários outros autores como Bromberg, Grollman e Kovács também descreveram a compreensão infantil da morte, baseando-se no desenvolvimento cognitivo da criança, a partir da teoria piagetiana. Da mesma forma que o adulto, vai passar por processos de luto, que tem uma duração subjetiva mais extensa, uma vez que sua noção de tempo ainda se está organizando (PRISZKULNIK, 1992). Torres (2002) afirma que a criança é capaz de enlutar-se tanto quanto o adulto;

identifica três etapas principais no processo natural do luto infantil: protesto, desespero e esperança.

No período de protesto, a criança não acredita que a pessoa tenha falecido e luta para recuperá-la, assim chora e fica agitada em busca da pessoa querida que faleceu. Já no processo de desespero e de desorganização da personalidade, começa a aceitar que a pessoa faleceu, mas o sentimento de falta não diminui; nesse processo, a criança não grita, mas se torna apática e retraída, contudo, não esquece a pessoa falecida. E no processo de esperança, a criança começa a buscar novas relações e a organizar a vida sem a presença da pessoa falecida (TORRES, 2002). É necessário ressaltar que esses estágios não acontecem como um roteiro e uma sequência, cada pessoa pode agir de uma forma diferente, pois são seres subjetivos. Importante ressaltar que os estágios que as crianças enfrentaram estão ligados ao entendimento, à idade, e à forma pela qual a notícia foi comunicada e ao que ela sabe sobre a morte.

Segundo Kubler-Ross (1992), a compreensão da morte tende a passar por cinco estágios distintos: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação, não necessariamente nessa sequência. Na negação age como um mecanismo de defesa temporário, como se a criança fingisse que nada daquilo estivesse acontecendo, recusa-se acreditar na situação vivenciada, como se não quisesse enfrentar aquele impacto. Esse estágio pode aparecer em outros momentos, não é, necessariamente, considerado o primeiro estágio do luto. A raiva é considerada o segundo estágio e, nessa fase, nada faz sentido para a pessoa, o que gera revolta. Nessa situação, a criança fica agressiva, irritada e busca por culpados, levantando questionamentos. Por exemplo: “Por que ele?” ou “Por que isso aconteceu comigo?”. Contudo, ela vai buscar aliviar a sua dor e revolta.

Já a barganha se caracteriza por buscar negociar ou adiar os temores diante da situação. Nesse estágio, as pessoas buscam acordos e promessas direcionados a Deus ou a algo maior em que elas acreditam e até mesmo para profissionais de saúde, como por exemplo o psicólogo. Ainda nos estágios, a depressão ocorre quando existem outras perdas, por exemplo, quando a criança perde uma pessoa significativa,

não ocorre apenas essa perda, mas existe uma mudança no ambiente familiar e perdas de papéis no âmbito. No estágio da depressão é que aceitação está mais próxima, a criança fica quieta, calada, tenta processar, segundo a sua idade, o que está acontecendo. O último estágio é conhecido como a aceitação. Nesse processo, a criança aceita e enfrenta a situação; labora essa fase e entende o significado do morrer. Nesse processo, a criança consegue expressar sentimentos, emoções, medo do abandono, frustrações.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, foi realizado um estudo bibliográfico com vistas a compreender as influências dos desenhos animados na compreensão da morte para as crianças. E também foi realizada uma análise fílmica o “O Rei Leão”, com o objetivo de integrar a teoria ao conteúdo presente no filme.

Segundo Barros e Lehfeld (2021), a pesquisa bibliográfica é efetuada para resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas da pesquisa. A revisão do conteúdo foi feita de forma sistemática, que é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema e possibilita um arranjo resumido das evidências relacionadas a determinada estratégia de intervenção, por meio da aplicação de meios sistematizados de busca, análise crítica e síntese da informação selecionada (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

O procedimento de análise foi organizado em função dos objetivos do presente estudo. Portanto, em um primeiro momento, foram identificados e sumarizados os conteúdos sobre desenho infantil, luto e morte, o critério de inclusão utilizado foi: trabalhos publicados entre 1917 a 2021. E em um segundo momento foram relacionados os conteúdos teóricos encontrados, com a análise do filme em modelo de desenho animado.

De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2009) analisar um filme é também o inserir num contexto, numa história, ou seja, interpretar o contexto em que o filme se insere, a época, a cultura, a sociedade. Dessa forma primeiro se assistiu o filme e em

seguida foi-se analisando a partir do discurso apresentado sua relação com o conteúdo de morte e luto na infância.

3.1 Rei Leão

O Rei Leão, título original “*The Lion King*”, é um desenho animado produzido por *Walt Disney Feature Animation* e pela *Walt Disney Pictures*. O filme foi lançado em 15 de junho de 1994 e foi aplaudido, elogiado pela sua música, pelo enredo e pela animação e ganhou diversos prêmios. O sucesso levou a uma adaptação teatral na Broadway que está em cartaz desde 1997, duas sequências diretamente em vídeo, O Rei Leão 2 e O Rei Leão 3, duas séries e uma refilmagem em 2019.

O filme relata a história do rei leão Mufasa, que comanda os animais e seu reino na África. O nascimento do seu filho Simba causa inveja e ressentimento no irmão mais novo de Mufasa, Scar, porque o seu sobrinho irá substituí-lo como herdeiro do trono. Após ter crescido e se tornado um filhote, Simba é levado para um passeio pelo seu pai Mufasa para conhecer as terras do reino, ensinando-lhe sobre as responsabilidades de ser rei e sobre o ciclo da vida. Mais tarde, naquele dia, seu tio Scar prepara uma armadilha para o sobrinho Simba e sua melhor amiga Nala. Os dois filhotes decidem explorar o cemitério dos elefantes, que era o único lugar que o pai tenha proibido de andar pelo reino. No cemitério, as hienas Shenzi, Banzai e Ed perseguem os filhotes até encurralá-los, mas Mufasa, alertado por Zazu (pássaro), aparece para resgatá-los e perdoa Simba por suas ações. Naquela noite, as hienas, aliadas a Scar, armam com ele um plano para matar Mufasa e Simba.

No dia seguinte, Scar atrai Simba para um desfiladeiro e lhe diz para esperar enquanto busca Mufasa seu pai. As hienas, por ordem de Scar iniciam uma grande debandada de gnus no desfiladeiro. Mufasa resgata Simba, mas enquanto ele tenta subir o desfiladeiro e pede ajuda de seu irmão Scar, este o joga de volta para a debandada, matando-o. Simba encontra o corpo de seu pai, enquanto seu tio Scar convence o jovem leão de ser culpado pela morte do pai, e o encoraja a fugir do reino. Quando Simba vai embora, Scar ordena às hienas que o matem, mas Simba consegue escapar. Scar anuncia aos outros leões que tanto Mufasa e Simba foram

mortos na debandada, nomeia-se como o novo rei e permite que um bando de hienas viva nas Terras do Reino.

Depois de fugir e andar sem direção por bastante tempo, Simba cai no deserto, de exaustão, chegando a quase morrer. Contudo, Timão, um suricato e Pumba, um javali, encontraram o jovem leão no deserto e cuidam dele até recuperar sua saúde. Simba cresce com eles na selva, vive uma vida sem problemas com seus novos amigos, com o lema “*hakuna matata*” (“os seus problemas você pode esquecer”).

Com o passar do tempo, Simba se torna um jovem adulto, resgata Timão e Pumba de uma leoa, que, coincidentemente, é Nala sua amiga de infância. Ela e Simba se reconciliam e se apaixonam. Nala tenta convencer Simba a voltar para a casa, dizendo-lhe que as Terras do Reino tornaram-se um terreno baldio, sem comida nem água e que os animais estão sofrendo.

Contudo, Simba sente-se culpado pela morte de seu pai, recusa-se a voltar para casa e irrita-se com Nala. Quando Simba entra na selva, encontra Rafiki, um mandril, que era amigo e conselheiro de Mufasa. Rafiki diz a Simba que Mufasa está “vivo” e leva-o a uma lagoa. Lá, Simba é visitado pelo fantasma de Mufasa no céu, que diz que ele deve tomar o seu lugar de direito como o rei das Terras do Reino. Simba percebe que ele não pode fugir de seu passado e vai para casa. Nala, Timão e Pumba acompanham-no, e concordam em ajudá-lo na luta contra o tio Scar.

Nas Terras do Reino, Simba confronta seu tio Scar, que culpa o jovem leão pela morte de seu pai Mufasa. Mas quando Scar empurra Simba para a borda da Pedra do Rei, ele admite que foi ele quem matou Mufasa e não Simba. Com raiva, Simba ataca Scar, pressiona-o para que ele conte toda a verdade sobre a morte do rei Mufasa aos animais do reino. Timão, Pumba, Rafiki, Zazu e as leoas enfrentam as hienas, enquanto Simba procura por Scar.

Ao tentar escapar, Scar é encurralado por Simba no topo da Pedra do Rei. Scar implora pela misericórdia do sobrinho, dizendo que ele é da família e coloca a culpa nas hienas. Simba diz não mais acreditar em Scar, mas poupa sua vida e ordena-lhe que deixe para sempre as Terras do Reino. Scar, humildemente, passa por ele, mas, em seguida, ataca-o novamente. Depois de uma batalha feroz, Simba lança seu tio,

que cai da Pedra do Rei. Scar sobrevive a queda, mas é atacado e morto pelas hienas, que ouviram a sua conversa com Simba dizendo que elas eram marionetes na mão dele.

Com a morte de Scar, seu tio, e com a partida das hienas do reino, Simba sobe na pedra do Rei e assume seu lugar por direito; os animais celebram a volta do verdadeiro herdeiro que é coroado rei, seu povo celebra um reino de harmonia e união.

Algum tempo depois, as Terras do Reino são restauradas à sua antiga glória, e Simba olha feliz para seu reino com Nala, Timão e Pumba ao seu lado. Rafiki, então, apresenta o filhote recém-nascido de Simba e Nala para os habitantes das Terras do Reino e o “ciclo da vida” recomeça.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A perda de uma pessoa importante causa uma dor intensa nos familiares mais próximos, entretanto, abordar esse assunto com as crianças é delicado, pois ela sente a ausência da pessoa falecida como uma ameaça. Aos poucos, as crianças começam a assimilar o processo de compreensão da morte por meio de expressões, seja pelo choro, pela brincadeira ou por falar sobre a pessoa falecida e começam, aos poucos, a entender o significado da morte.

Para compreender a forma pela qual a criança atravessa emocionalmente a perda e o luto, é necessário conhecer a maneira que ela entra em contato com a morte ao longo do seu desenvolvimento cognitivo, em que o desenho infantil é uma forma para que a criança compreenda a morte e elabore o luto. O filme “O rei leão” traz lições acerca da morte do pai do jovem Simba.

Um aspecto presente no filme é a relação entre culpa e morte. Segundo Kubler-Ross (1992), na fase da raiva, a criança se torna agressiva, irritada e busca por culpados, levantando questionamentos. No filme, Scar, seu tio, responsabiliza o jovem leão pela morte do pai, e o encoraja a fugir do reino. Simba, atormentado pela culpa, decide viver uma vida com Suricato e Javali e perde sua verdadeira identidade como leão.

Quando em contato com a morte, a criança pode utilizar a negação como um mecanismo de defesa temporário, como se fingisse que nada daquilo tivesse acontecido, recusa-se a acreditar na situação vivida, como se não quisesse vivenciar aquele impacto. Esse fato também é ilustrado por Simba, que cresce com o Timba e Pumba na selva, vive uma vida sem problemas com seus novos amigos, com o lema “*hakuna matata*” (“os seus problemas você pode esquecer”). É clara a negação do ocorrido.

Quando no estágio da depressão, um aspecto que está presente é o sentimento de perda, e quando da morte, existem outras perdas, para além da presença física, por exemplo, quando a criança perde uma pessoa significativa, existe uma mudança no ambiente e perdas de papéis no âmbito familiar, a criança normalmente mostra-se quieta, pensativa, triste e calada. Nesse contexto, pode-se observar que Simba deixou o reino e passou um tempo peregrinando pelo deserto pensativo, sozinho e triste até ser encontrado por Timba e Pumba, quando passa a viver uma vida como Suricato e Javali e abandona seus hábitos de vida como leão.

Outro estágio que também pode ser vivido pela criança depois de um tempo em contato com a morte e elaboração do seu luto é o estágio da aceitação, em que a criança aceita e enfrenta a situação, elabora essa fase e entende o significado do morrer. Nesse processo, consegue expressar seus sentimentos, emoções, medo do abandono, frustrações. No filme, quando Simba entra na selva, ele encontra Rafiki, um mandril, que era amigo e conselheiro de Mufasa. Simba percebe que não pode fugir de seu passado e decide enfrentar os seus medos e frustrações retornando para casa.

É importante ressaltar que esses estágios não acontecem como um roteiro e uma sequência, cada pessoa pode agir de uma forma diferente, pois são seres subjetivos. Também é importante compreender que os estágios que as crianças enfrentaram estão ligados ao entendimento, à idade, à forma pela qual a notícia foi comunicada a elas e o conceito que têm sobre a morte, levando em consideração que nem todas as pessoas vão passar por todos os estágios citados.

Outro aspecto que o filme ilustra é a dificuldade que muitas famílias têm em dar a notícia do falecimento e explicar sobre o que é a morte para as crianças. Scar, tio de Simba, no momento da comunicação sobre a morte do Rei Mufasa, diz ao jovem leão que ele é o culpado e que deveria fugir para que as hienas não o encontrassem e sua própria família não o culpasse pela morte do pai. Simba então vai embora, amedrontado e certo de que a morte de Mufasa foi causada por ele. Sendo assim, com essa atitude, “[...] a criança sente uma terrível confusão e um desolado sentimento de desesperança, criado porque já não tem a quem recorrer” (ABERASTURY, 1984, p. 129).

Dessa forma, podemos observar que não houve uma comunicação adequada que permitisse que o jovem Simba expressasse seus medos, emoções e sentimentos ou esclarecer suas dúvidas sobre a morte do pai. E, sendo assim, Simba cresce culpado pela morte de Mufasa, sem a oportunidade de entender, de viver e talvez, ressignificar os fatos acontecidos no passado, já que seus problemas estavam “esquecidos”. Pensando nisso o diálogo com as crianças deve ser franco e claro, por intermédio de informações verdadeiras e honestas. A literatura sugere, também, que o comunicador se mantenha aberto para esclarecimentos de dúvidas e promova uma escuta sensível, que favoreça a expressão dos sentimentos da criança, compartilhando essas emoções de forma empática, para que o luto possa ser elaborado. A comunicação deve ser feita respeitando-se a capacidade de compreensão da criança acerca da morte, utilizando-se uma linguagem adequada à sua idade e maturidade cognitiva e emocional.

Além disso, no filme, um ponto importante é a forma pela qual o jovem leão internaliza inconscientemente as lembranças de seu pai, o jovem leão olha para água e vê refletida a imagem de seu pai. O macaco Rakifi, ao perceber que o filhote sofria com a morte do pai, diz: “Ele está dentro de você” (O REI LEÃO, 1994, s/p), uma fala marcante que, com empatia, consegue explicar para a criança o sentimento com relação à morte de alguém querido. Por mais que, fisicamente, a pessoa não esteja mais presente, ela estará nos sentimentos da criança.

Quando a criança se encontra frente a uma situação de perda, Batistelli (2010) aponta que, de um modo geral, um luto bem elaborado é alcançado quando, aos poucos, ela percebe que é dentro da gente que as pessoas podem reviver e continuar vivas. Por isso, é tão importante auxiliá-la a construir e manter dentro de si a imagem de quem se foi lembrando-se dele com carinho e amor. Isso porque uma pessoa amada não desaparece da mente de quem a ama quando morre, ela não é simplesmente esquecida e tentar negar sua imagem para a criança, evitando falar no assunto, por mais que possa parecer o contrário, não é a solução.

Logo no início do filme Mufasa convida Simba para conhecer as terras do reino, e mostra à jovem criança as terras que poderia explorar, contudo o pai de Simba adverte seu filho dos perigos além das Terras e que, quanto ao cemitério dos elefantes, por ser criança, jamais poderia visitá-lo, sem a presença de um adulto e pede a Simba para nunca ir lá.

Levando em consideração esse aspecto, simbolicamente a terra proibida “cemitério dos elefantes”, pode ser usada como uma analogia para as dificuldades de falar sobre a morte com as crianças, socialmente considerado um tema difícil de ser abordado; os pais, muitas vezes, colocam como algo a ser evitado, não explorado, uma vez que, culturalmente, é um tema que causa desconforto, dor, incerteza e medo.

Ainda hoje, a morte é considerada como inimiga, oculta, vergonhosa e, diante dela, o homem é visto como onipotente, visualiza sua finitude de perto, a morte não é um assunto confortável para grande parte da população, principalmente no Brasil, onde não existe uma cultura natural relacionada ao morrer. Embora a morte faça parte do processo natural da existência humana, discorrer sobre o tema sempre assustou o ser humano, já que envolve o desconhecido. Sendo assim, Mazorra (2009) afirma que todo ser humano caminha para a morte, assim como a testemunhamos a todo momento. Todavia, admitir que alguém que estava sob nosso cuidado chegue à sua finitude expõe a nossa impotência.

Dessa forma, metaforicamente, as terras que as crianças podem explorar são aquelas sobre as quais os adultos conseguem expressar-se, onde falam e sentem-se seguros, simbolizando a “vida” e o cemitério dos elefantes terra desconhecida

simbolizando a “morte”, assunto que desperta normalmente no ser humano incertezas, desconhecimento, medo e considerado um tabu pela sociedade.

Segundo Kovács (2012), ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. Entretanto, a criança espera uma resposta do adulto, com a expectativa de que ele seja capaz de lhe esclarecer o que aconteceu. Falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, e há possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos. (KOVÁCS, 2012).

No filme, fica evidente o quanto a falta do conhecimento sobre a morte coloca Simba diante de uma situação da qual ele não vê outra saída a não ser fugir. Considerando esse fato, o jovem leão vivenciou grandes dilemas e impasse, sendo ainda criança e sozinho atormentado por dúvidas, perguntas e carregado por uma culpa que ele não tinha noção do que se tratava. Ele era apenas uma criança, que não conhecia nada sobre a morte. Nesse contexto, vale destacar a importância da comunicação, do esclarecimento de perguntas e dúvidas pelas crianças.

Em virtude dos fatos observados sobre os desenhos animados, segundo Brougère (2004), diferente do passado que os desenhos transmitiam mais um simbolismo sem sentido, atualmente, eles têm poder de fazer a criança sair da posição de observador para ator da atividade lúdica, como se esse meio de comunicação tivesse o poder de impregnar a cultura atual. Assim, o desenho animado passa a influenciar o comportamento de muitas crianças, não apenas como forma de entretenimento, mas também as ensinando, construindo valores significativos, noção de certo ou errado, interação social, construção da crítica, entre outros.

Ainda segundo Brougère (2004), pelas simples atividades de imitação das imagens, a criança organiza sua percepção a partir, também, do contexto sociocultural imediato e se torna possível superação da leitura linear dos códigos emitidos pelos desenhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a compreender, por meio de uma pesquisa bibliográfica em conjunto com uma análise fílmica, como a criança vivencia a questão da morte e como elabora o seu luto. Foi possível constatar que as cenas apresentadas no filme retratam situações reais que crianças vivenciam em decorrência da perda de um ente querido e suas fases do luto.

Também foi possível observar a dificuldade que os adultos possuem em falar sobre a morte com as crianças, e que, em muitos momentos, o sofrimento infantil não é considerado real para os adultos, como se as crianças, diante da perda de alguém, não experimentassem emoções e sentimentos.

No decorrer do filme ao se referir às pessoas mortas ou a lugares proibidos, as respostas eram superficiais e sem informações concretas, escondiam o real significado de morte e de perigo, como, por exemplo, no cemitério dos elefantes e nas terras do reino.

Na dificuldade em falar sobre a morte, assim como no filme, os familiares respondem às crianças com metáforas que não refletem realmente o que aconteceu, alguns exemplos são: “se tornou estrelinha, foi morar no céu, está dormindo, foi viajar”, isso mostra o despreparo desses familiares e, muitas vezes, não permite que as crianças vivenciem corretamente esse processo. E, nesse momento, os desenhos animados podem ser considerados como possíveis ferramentas a serem utilizadas pelos pais e responsáveis como uma forma de falar sobre a morte com as crianças de maneira lúdica abrindo espaço para que os mesmos esclareçam suas dúvidas.

Levando em consideração a influência dos desenhos animados a partir da pesquisa, foi possível observar que a influência dos desenhos existe, tanto de forma positiva quanto de forma negativa. O que vai determinar o caminho dessa influência é a escolha desse desenho, pois, por meio deles, as crianças conseguem expressar seus sentimentos, emoções, medos e angústias. Sendo assim, os desenhos infantis desempenham um papel importante na vida da criança, para a compreensão da morte, tanto por elas como também para os adultos. Nesse contexto, ao assistir ao o

desenho, a criança consegue assimilar situações vivenciadas por ela diante das cenas expressas no filme.

Sobre o significado da morte para crianças, foi observado que cada criança carrega consigo contextos diferentes e, por isso, o significado se torna subjetivo a cada ser humano. A cultura tem importante papel nessa construção e o entendimento será de acordo, também, com o desenvolvimento cognitivo das crianças e a forma pela qual se explica.

Outro fato relevante diz respeito aos estágios relacionados à vivência do luto: assim como o adulto, as crianças vivenciam esses estágios, cada uma de seu modo e no seu tempo, mas a depressão, a negação, a aceitação, a revolta e a barganha estão presentes na vivência do luto dessas crianças, não significa que todos passarão por todas as fases, mas podem ser identificadas características de cada momento.

No filme o rei leão, o jovem Simba vivenciou algumas fases, mas não todas, o que é natural. Alguns fatores de destaque em sua vivência do luto foram: a culpa carregada pela morte do pai, a falta de informações concretas e verdadeiras, falta de acolhimento pela família. Dessa forma, a jovem criança passou por anos tentando esconder essa dor, esse medo e essa culpa, por falta de acolhimento e de informações apresentadas de forma adequada.

Quanto aos estágios, o jovem Simba passou pela depressão, quando passou a peregrinar no deserto, pensativo, sozinho, triste e calado até ser encontrado por Timba e Pumba. Em seguida, ele passou pela negação, quando decidiu viver uma vida como Suricato e Javali, perdendo sua verdadeira identidade como leão e negando todo o reino e o que havia acontecido. Negou-se, inclusive, a falar sobre a situação com os amigos. Ele passou também pela fase da revolta, em que, atormentado pela culpa, se irritou e se mostrou agressivo, inicialmente, até encontrar os amigos. E ele também chega ao estágio da aceitação, em que aceitou e enfrentou a situação, elaborou essa fase e entendeu o significado do morrer. No filme quando Simba entra na selva, ele encontra Rafiki, um mandril, era amigo e conselheiro de Mufasa. Simba percebeu que ele não podia fugir de seu passado e decidiu enfrentar os seus medos e frustrações, e retorna a casa.

Levando em consideração os aspectos apresentados no trabalho, conclui-se que o tema “morte” causa um grande desconforto na vida do ser humano e que, por diversas vezes, mesmo a morte sendo considerada universal, natural e inevitável, o ser humano tem dificuldades de falar sobre esse assunto para si mesmo como adulto e quando fala para as crianças, sente-se impotente diante dessa situação. Diante da dificuldade que o adulto possui e também sobre o que a criança entende da morte, o adulto responsável pela criança pode usar recursos como os desenhos animados, por exemplo o filme O Rei Leão, uma vez que os desenhos podem influenciar as crianças por meio de situações vivenciadas, demonstrando seus sentimentos, medos, angústias e até mesmo esclarecendo suas dúvidas e ajudando as crianças a entender o conceito de morte, perda e luto.

ABSTRACT: The present study aims to understand the influence of cartoons on the meaning of death for children. It is a bibliographic production, and a film analysis of the cinematographic work “The Lion King” was also carried out. During the work, the meaning of death in childhood was discussed according to the children's cognitive development, the information offered to them and the influence of cartoons to understand death. It was possible to verify the difficulty of adults in talking about death, being still considered a subject that causes discomfort and treated as TABU by society. In the analysis of the film, the way that young Simba experiences the death of his father was similar to the feelings experienced by children in the face of the death of a loved one. With this, it is perceived the need to approach the subject in a clear and objective way, helping the child in the acquisition of the concept of death, and that the drawings often reproduce the same difficulties in the treatment of the theme, however they could be used as tools to help in that understanding.

Keywords: Childhood. Death. Mourning. Cartoon. Family.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Editora Artmed, p.129, 1984.

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Fundamentos de Metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2021.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. A. Caetano. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

BOWLBY, J. **Perda: Tristeza e Depressão**. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, p.21, 2004.

BOWLBY, J.. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.

BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. 2. ed. São Paulo: Editora Psy, 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e companhia**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

BURLÁ, C. Palição: cuidados ao fim da vida. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006.

CHÁVEZ, M. C. M.; VIRRUETA, E. R. La violència en los dibujos animados norte americanos y japoneses: su impacto en la agresividad infantil. **Alternativas en Psicología**, Año XIV, n. 20, p. 26-34, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-339X2009000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 de março de 2021.

CHIATTONE, H. B. C. A criança e a morte. *In*: CAMON, V. A. (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Editora Pioneira Thompson Learning, 2003. p. 69-133.

COSTA, W. C. Morte e desenvolvimento humano. *In*: PY, L. **Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999.

DUARTE, R.; LEITE, C.; MIGLIORA, R. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v, 11, n. 33, p. 497-510, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 de março de 2021.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917). *In*: FREUD, S. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, p. 245-263, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

JEMPSON, M. Algumas ideias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. *In: CARLSSON, U; FEILITZEN, C. V. (Orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação e participação.* p. 119-133., 2. ed. São Paulo: Editora Cortez 2002.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** 4. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, p. 3, 2012.

KOVÁCS, M. J.. Morte no processo do desenvolvimento humano: A criança e o adolescente diante da morte. *In: Morte e Desenvolvimento Humano.* 4. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2012.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LUCENA JÚNIOR, A. **Arte da animação:** técnica e estética através da história. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

MACHADO, A. M. S. Como lidam as crianças com a morte/Luto. **Revista Sinais Vitais**, n. 67, 2006. Disponível em: <http://sinaisvitais.pt/index.php/20-revista-sinais-vitais/revistas-2006-e-2007/280-revista-no-67-julho-2006?showall=&start=9>. Acesso em: 15 de março de 2021.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 de maio de 2021.

MARIUZZO, P. Contos de fadas ensinam as crianças a lidar com seus medos. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2007. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=342>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto.** 2009. 265 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MENDES, É. A morte e o luto a partir do mito da medusa e o trabalho com crianças portadoras de doenças terminais. **Psicópio: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde de Belo Horizonte**, v. 1, n. 1, 2009.

MOURA, J. T. T.; LEAL, L. O.; PADILHA, K. D.S. A Influência do Desenho Animado no Processo Sociocognitivo da Criança, p. 1-11. São Paulo: Realize Editora, 2012.

O REI LEÃO. (Filme Vídeo). Direção: Rob Minkoff, Roger Allers. Produção: Don Hahn. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1994. 1 DVD (89 min.).

OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento. A contribuição dos contos de fadas na formação humana. **Educação Pedagógica**, v. 2, n. 12, p. 17-21, dez. 2006. Disponível em:

<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt17/Poster/MARIA%20ELIZABETE%20NASCIMENTO%20DE%20OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. **Melanie Klein e as fantasias inconscientes**. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 abril. 2021.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

PRISZKULNIK, L. Criança diante da morte. **Pediatria Moderna**. v. 28, n. 6, p. 490-496, 1992.

SANTOS, S. R. S. **A influência dos desenhos animados na construção da subjetividade infantil**. 2017. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Rondônia, 2017.

SECKAER, C. Towards a definition of "childhood mourning". **American Journal of Psychotherapy**, v. 41, n. 2, p. 201-219, 1987.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicol. e Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 março. 2021.

SHIMIZU, H. E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 3, p. 257-262, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 de março de 2021.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte**: desafios. 2. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2002.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. Reflexões preliminares. In: **Ensaio sobre a análise fílmica**. 6ª. ed. São Paulo: Papirus, 2009. (Coleção Ofício de Arte e Forma) (p. 23-67).

VENDRUSCOLO, J. Visão da Criança sobre a Morte. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 38, n. 1, p. 26-33, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420/421>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, p.91, 1998.

WORDEN. J. W. **Terapia do Luto**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.